

## ENTREVISTA

---

### Wilma Soares de Jesus

*Wilma Soares de Jesus, 65 anos, mãe de sete filhos, aluna da Universidade Aberta à Terceira Idade da UESC, foi a primeira professora de filhos de candangos, em Brasília, capital federal, quando de sua construção. A Revista Memorialidades quis saber um pouco mais dessa história, e foi conferir.*

**Revista** – Como a Senhora foi parar em Brasília?

**Wilma** – Viajei para Brasília com o meu marido, que era eletricista, um filho e grávida, em busca de trabalho, pois as informações que tínhamos é de que lá havia trabalho para quem chegasse. Viajei de ônibus e de caminhão, e a viagem durou oito dias, de Itabuna a Brasília. Minha filha nasceu sete meses depois de minha chegada a Brasília. Foi registrada em Planaltina porque Brasília ainda não tinha cartório.

**Revista** – Como foi a sua chegada em Brasília?



**Wilma** – Na verdade, quando chegamos não tínhamos onde ficar. A primeira Cidade Livre, conhecida como Núcleo dos Bandeirantes, criada para acomodar candangos, não tinha reserva de acomodação. Só o Palácio da Alvorada estava pronto. Brasília era um grande canteiro de obras. Ao chegar, acabei indo morar em um quarto de avenida, onde não pude continuar, porque não era adequado para família. Isto foi em 1958. Como não havia espaços de moradia, pois as preocupações recaíam em alojamentos para os trabalhadores, que não levavam as famílias, acabei morando embaixo de uma árvore, durante três dias e três noites. Foi uma experiência difícil, pois eu estava grávida

de cinco meses e tinha uma criancinha. Isso, no entanto, não me fez desistir. Logo, logo meu marido recebeu um galpão de madeira no Núcleo dos Bandeirantes, onde fixamos residência até 1960, com Brasília inaugurada, a partir de quando retornamos a Itabuna. Convi com trabalhadores de todas as partes do Brasil.

**Revista** – A Senhora poderia dizer pra nós como se transformou em Professora, aos 17 anos, numa cidade em construção?

**Wilma** – Apesar de não ter qualquer experiência de trabalho, eu não cruzei os braços nem me limitei a ser a dona de casa que não tinha o que fazer no canteiro de obras. A vida não era fácil e o segundo filho estava pra nascer. Quando procurei o hospital para a minha primeira consulta de acompanhamento da gravidez (o hospital era do IAPI, único naquele espaço, construído em madeira), recebi convite para trabalhar como secretária. Aceitei, e trabalhava das 7 às 14h. Brasília respirava trabalho; e cada vez mais chegava trabalhador. Percebi que alguns trabalhadores começavam a chegar com família, e a quantidade de crianças me despertou o interesse pelo magistério. Embora eu só tivesse concluído o primeiro ano do magistério, decidi pela demissão do hospital e improvisei uma escola em minha própria casa, pois tinha um salão muito grande e eu não tinha móveis para ocupá-lo.

Logo, logo eu estava com 100 crianças de variadas idades e com níveis variados de escolaridade (da alfabetização à quarta série).

**Revista** – E como funcionava essa escola?

**Wilma** – Como não era uma escola oficial (havia uma escola pública das Pioneiras Sociais, mas essas crianças não iam pra lá), os pais dos alunos pagavam. Como era difícil trabalhar com cem crianças, eu dividi em três turnos e fui trabalhando; foi um grande desafio porque as dificuldades eram muitas. Para os pais era importante, e eles cobravam isso, que seus filhos aprendessem a ler, escrever e fazer conta. Em 1959, depois de meses trabalhando, fui surpreendida com a visita do Exército em minha casa. Fui procurada para fornecer a relação nominal dos alunos, com respectivos pesos e medidas, para confeccionar fardamento e comprar sapatos e meias para todos eles. O presidente Juscelino queria que as crianças participassem da recepção à chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima, um presente que Brasília recebeu por seu intermédio. A partir daí, passei a receber a contribuição do Exército no desenvolvimento das crianças. A escola passou a contar com um instrutor do Exército em atividades físicas, disciplina, noções de cidadania e outras orientações, inclusive de preparação para os desfiles cívicos. Passei a ser convidada para participar de

atividades cívicas, reuniões, comemorações, com a presença do Presidente Juscelino, que era uma pessoa muito simples. Em dezembro de 1959 tive uma surpresa: o próprio Presidente, com Dr. Oscar Niemeyer, veio até minha casa, um barraco, saber como estava indo a escola, as crianças. Foi aí que o presidente disse: "Você se considere pioneira da futura capital federal". Minha escola recebia visitas dia de quinta-feira, de Dr. Bernardo Sayão, Dr. Israel Pinheiro, e do ordenança da Presidência, Coronel Nélio. De todos eu tenho boas lembranças; mais de Dr. Bernardo Sayão, em especial, porque era uma pessoa muito comunicativa. Era engenheiro, muito sério, gostava de fazer trabalhos sociais, visitava com frequência as famílias dos trabalhadores; a chegada dele em nossas casas era sempre uma alegria. A sua morte causou-me muita tristeza; houve uma consternação de todas as famílias que com ele conviveram.

**Revista** - Como foi essa experiência?

**Wilma** - A minha experiência como professora em Brasília foi muito rica; trabalhava de domingo a domingo para alfabetizar; e ficava muito feliz porque conseguia. O processo de alfabetização foi um desafio. Apesar da tentativa do mé-

todo da ficha (que vem com palavras separadas por sílabas), achava o processo muito mais demorado, e os pais me cobravam rapidez com as crianças porque eles sempre estavam mudando de um lugar para outro, por conta das invasões, e não sabiam se encontrariam estruturas escolares onde chegassem. Para agilizar, acabei utilizando o método tradicional, aquele do ABC, e o papel furadinho para reconhecimento da letra pela criança.

Depois, partia para a soletração, com a ajuda da Cartilha do Povo, adquirida pelos pais. O governo não dava a cartilha mas fornecia outros materiais como papel almaço (pautado),

lápiz, caderno. A minha escola não tinha quadro de giz; cada criança trazia uma lousa pequena, para utilização individual. Para as aulas de Matemática (aritmética) eu usava papel pardo (aquele que as mercearias usavam para empacotamento), que cada criança trazia o seu pedaço e, quando completava uma certa quantidade, eu mesma fazia os cadernos de cada um, furando com tesoura e amarrando um cordão nos seis furos feitos. Depois dos cadernos amarrados eu os preparava com quadradinhos (usando régua e caneta) para que os alunos fizessem contas e aprendessem números. Dava muito tra-

**Apesar de não ter qualquer experiência de trabalho, eu não cruzei os braços nem me limitei a ser a dona de casa ...**

balho. Não tínhamos energia elétrica, nem água. Carregava água na cabeça, em lata de querosene; cozinhava em fogão a lenha. Embora dona de casa, não fui doméstica.

**Revista** - Por que a Senhora saiu de Brasília e o que fez quando retornou?

**Wilma** - Depois da inauguração, em 1960, resolvemos, meu marido e eu, retornar a Itabuna. De volta a Itabuna, meu marido foi trabalhar na feira e eu fui convidada para trabalhar na Prefeitura como Professora. O Prefeito era José de Almeida Alcântara e estávamos em 1962. Como não era formada, tive que deixar a educação depois de algum tempo e fui para a saúde. Devo muito a Dr. Amilton Gomes, então Secretário de Saúde na gestão do Prefeito Félix Mendonça, o aprendizado do trabalho na área de saúde; até mesmo aplicar injeção foi ele quem me ensinou.

**Revista** – E como foi mudar de educação para saúde?

**Wilma** – Assumi o Posto Médico do São Caetano, onde começava a trabalhar desde as seis horas da manhã. Chegava cedo para adiantar as coisas, arrumar, organizar tudo. Trabalhava no posto

pela manhã e no SESP pela tarde. Fiquei de 1964 a 1968. Só fui efetivada como funcionária em 1967, como escriturária da Prefeitura Municipal de Itabuna, onde me aposentei depois de 35 anos de serviços prestados.

**Revista** – Como a Senhora conseguia dar conta de filhos, da casa e ainda ensinar três turnos?

**Eu acho que velhice só existe na cabeça das pessoas; pra mim, velhice não existe.**

**Wilma** – Eu não posso me queixar porque tinha vizinhos maravilhosos, que cuidavam da minha casa como se a eles pertencesse. Naquele tempo os vínculos de amizade eram reais e

sinceros. Havia confiança e solidariedade. Meu marido também ajudava muito. Se tivesse de fazer tudo o que fiz hoje, seria muito mais difícil.

**Revista** – Como a Senhora se envolveu com a Política?

**Wilma** – Acho que foi a partir da experiência de vida em Brasília. Passei a perceber que, através da política, é possível conhecer pessoas boas e más, inclusive o caráter delas. Aprendi muito com a política: a me desenvolver, a ver as coisas às claras. Na verdade, embora meu pai não gostasse de política, eu tinha um tio que gostava e me levava,

quando ainda criança, para os comícios; fui criada assim. Eleição é a melhor época pra mim. Já fui filiada a partido político, já fui candidata a vereadora por três vezes (1988, 1992 e 1996); perdi nas três mas ainda pretendo me candidatar.

**Revista** – Como a Senhora analisa a política hoje?

**Wilma** – Com tristeza; quando comparo com a política que tive a oportunidade de acompanhar nos anos 60, é lamentável.

**Revista** – Como a Senhora vê hoje a mulher e o jovem?

**Wilma** – A mulher tem mais liberdade; antes havia muita repressão. Acho até que a submissão tenha me impedido de concluir meus estudos. Quanto à juventude, está com liberdade sem qualquer limite; está havendo uma certa promiscuidade; é gravidez precoce, é criança criando criança, é droga. Vejo isso tudo como consequência da omissão dos pais, da família.



**Revista** – E a velhice? A Senhora vem acompanhando o seu próprio processo de envelhecimento? O que muda?

**Wilma** - Eu acho que velhice só existe na cabeça das pessoas; pra mim, velhice não existe. Eu acho que pessoas que

viveram sempre oprimidas, recalcadas, sofridas, tendem a se sentir velhas, porque a mente não desenvolveu; é a mente que envelhece. Pessoas que não têm qualidade de vida, que são desrespeitadas, essas pessoas tendem a se sentir velhas. Eu particularmente não vivo lembrando da minha velhice. Tenho boa saúde, viajo, vou a festas, danço, não sinto que tenho a idade que tenho. A meno-

pausa passou e eu não percebi; nada senti. Sou disposta, acho que até aumentei a minha disposição; gosto de andar, conversar, encontrar; afinal, a vida é feita dessas coisas; a minha vida é, com os outros.